

# Construindo o espaço (e o) feminino: reflexões sobre o discurso misógino dos Padres da Igreja

VALÉRIA FERNANDES \*

**RESUMO:** Os textos dos Padres da Igreja estão presentes ainda hoje nos discursos eclesiásticos das mais diversas denominações cristãs quando se trata de estabelecer quais os espaços de atuação femininos e masculinos. Revestidos de autoridade, são textos fundadores do pensamento cristão. A produção desses textos iniciou-se no final da Antigüidade Tardia (século IV-VII) e, desde então, seus pressupostos têm sido retomados, comentados e acrescidos. Em nosso trabalho discutimos o quanto esses textos foram utilizados como instrumentos para limitar a atuação feminina dentro da Igreja Cristã, ao mesmo tempo em que foram fundamentais para criar e reforçar as representações de gênero, que caracterizam as mulheres como física e moralmente inferiores. Buscaremos, também, ancoradas na epistemologia feminista, perceber nas fontes indícios de uma atuação feminina que contradizem as verdades à respeito dos papéis de gênero dentro da Igreja Cristã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Igreja, mulheres, gênero, discurso, Idade Média.

Imediatamente após completarem quatorze anos, as mulheres são tratadas por “damas” pelos homens. E assim, ao verem que nada lhes resta senão serem parceiras do leito dos homens, começam a se embelezar e nisso depositam todas as suas esperanças.<sup>1</sup>

O fragmento acima foi produzido no século II por um escritor romano pagão que discutia o papel das mulheres na sociedade de sua época. Para o autor, às mulheres haveria um só caminho, o casamento, dentro de um modelo onde a heterossexualidade, pelo menos feminina, seria compulsória. Esta fala, com poucas adaptações, poderia fatalmente estar presente na mídia ou nos discursos científicos de divulgação dos dias atuais, onde as representações sociais<sup>2</sup> de “mulher” de maior visibilidade apontam sempre para a adequação a certos papéis esposa, mãe, objeto do desejo masculino, etc. (JODELET, 2001, p. 17-44) “Ser mulher”, neste tipo de discurso, seria antes de tudo tornar-se objeto sexual, ver-se pelos olhos dos homens.<sup>3</sup> (Lauretis, 1990, p.119)

De tão repetidos, reeditados, revisitados, estes modelos, ou papéis de gênero,<sup>4</sup> terminam por ser internalizados como naturais. A naturalização dos papéis de gênero termina por ignorar as especificidades culturais e históricas, e sua aceitação indiscriminada tem marcado a historiografia Ocidental. Estruturados sob uma lógica binária, que liga certos comportamentos e espaços ao universo masculino ou feminino,

se estabelece uma valoração na qual tudo que se liga às mulheres é menor e menos importante. Assim, se as mulheres sempre estiveram atreladas ao espaço privado e viviam suas vidas em função dos homens que as cercavam, não haveria porque lhes dar espaço na história. Quanto mais, como é a proposta das diversas linhas feministas e pós-modernistas, rediscutir a própria forma de fazer história e a noção de sujeito universal, desconstruindo<sup>5</sup> os paradigmas intelectuais que nortearam o olhar dos historiadores sobre suas fontes.<sup>6</sup>

Neste artigo estaremos examinando fragmentos destes discursos, produzidos pelos Padres da Igreja, no período chamado por alguns historiadores de Antigüidade Tardia, (BROWN, 1990, p.7-13), refletindo um pouco sobre como os seus escritos serão apropriados pelos intelectuais do século XIII. Os chamados Padres da Igreja eram autoridades locais, ou mais que isso, expoentes da Igreja Cristã em ascensão, eles tiveram seus escritos colocados no mesmo patamar da Bíblia como parâmetro para o comportamento e o pensamento cristão. Agostinho, Ambrósio, Jerônimo e tantos outros escreveram com o objetivo de aconselhar e regulamentar a vida dos fiéis, homens e mulheres. Nesse processo, podemos perceber a construção da moral e da sexualidade cristã, a criação de códigos e condutas, o estabelecimento do espaço feminino. Este espaço criado, espaço segregado, seria necessário para construir e consolidar a idéia de uma sexualidade indomável, naturalizada, sempre pronta a aflorar.

Não se pode afirmar que os homens foram os únicos a escrever mesmo nos primórdios da Igreja, no entanto, para muitos historiadores ainda hoje, é o discurso masculino o único que pode ser ouvido. Em seu artigo “Olhares dos Clérigos”, Jacques Dalarun ao falar do século XII e XIII vai iniciar seu artigo com as seguintes palavras “*Uma vez mais, há que partir dos homens, daqueles que, nesta idade feudal, detêm o monopólio do saber e da escrita (...)*” (DALARUN, 1990, p. 29). Mesmo podendo arrolar outras vozes, vozes femininas, vozes indefinidas, é preciso ouvir os homens quando as mulheres estão em questão. (PETROF, 1986) Assim, reforça-se a idéia de que os homens sempre foram os únicos a falar, e às mulheres, dóceis ou não, mas sempre pouco letradas e direcionadas aos seus papéis naturais, ouvir e obedecer.

Durante muito tempo, boa parte dos historiadores e historiadoras tiveram certeza absoluta de qual seria o lugar ocupado pelas mulheres na história da Igreja. Assim, tomando por base o discurso dos Padres da Igreja, da Bíblia, e de tantas outras fontes lidas com olhar pré-estabelecido, produziu-se farto material que invisibilizava a

participação feminina, ou lhe concedia um lugar subalterno desde os primórdios da Era Cristã.

A despeito do que as fontes pudessem dizer, a interpretação já estava pronta. Um artigo interessante nesse sentido é o de Pierre-Louis Gatier intitulado *Mulheres no Deserto?* A interrogação do título tem um sentido muito mais irônico do que propriamente investigativo, pois a conclusão já está dada no início do texto:

No decurso da Antigüidade tardia (século IV-VII), numa sociedade mediterrânica oriental conquistada pelo cristianismo mas largamente dominada pelos homens, o lugar da mulher na Igreja mantém-se restringido. A exemplo do sacerdócio, a vida do eremita (do grego **eremos**: “vazio”, “solidão”, “deserto”) é-lhe interdita. (...) (GATIER, 1994, p.169)

Mesmo confrontado com as narrativas das vidas de mulheres ascetas, como Thais e Maria do Egito, que, após suas conversões, se tornam eremitas, o autor aferra-se ainda mais à sua visão cristalizada do papel feminino no Cristianismo e irá afirmar que *“estas belas lendas, redigidas desde Antigüidade, muito apreciadas na Idade Média e que os romancistas modernos se comprazem em remodelar, não passam de puras ficções!”* (GATIER, 1994, p.173) Para o autor as narrativas hagiográficas seriam meramente ficcionais, escritas por homens que desconheciam a vida religiosa feminina.<sup>7</sup> Ainda seguindo esse raciocínio, o monacato, vida de meditação por excelência, apresentar-se-ia como a única forma de as mulheres exercerem um papel dentro da Igreja.

Obviamente, posturas radicais, como a de Gatier ou “inocentes” como a de Jacques Dalarun, não constituem a regra mas ainda se apresentam como dominantes. Tais perspectivas se pautam, mesmo que esses autores não trabalhem explicitamente com a categoria gênero, com o paradigma discutido e desconstruído por Judith Butler de que o gênero e o sexo, assim como suas atribuições, seriam construtos culturais. Havendo uma descontinuidade entre os corpos sexuais e os gêneros a eles culturalmente atribuídos. (Butler, 2003, p. 24) Tal questão se torna evidente, por exemplo, quando tentamos perceber como, ao longo da história da Igreja, irá se construir e reconstruir um discurso sobre as mulheres que tornará possível, ainda em nossos dias, excluí-las do sacerdócio na maioria das Igrejas Cristãs, justificar a violência sexual contra as mulheres ou cercear os seus direitos sobre seus próprios corpos em questões como o aborto ou a contracepção.

Mesmo que não tenham na construção da sexualidade o seu único eixo, os discursos dos Padres da Igreja são absolutamente falocêntricos, anulando qualquer perspectiva que não se pautem pela reificação do masculino em detrimento do feminino. Um bom exemplo está na questão da defesa do sacerdócio como naturalmente masculino, sendo usurpadoras, pecadoras e, por que não, histéricas, as mulheres que pleiteiam tal função ou simplesmente ousam transpor limites ainda em construção:

(...) de repente uma mulher (...) em estado de transe se anunciou como profetisa, e agiu como se estivesse tomada pelo Espírito Santo. (...) andava descalça no rigor do inverno sobre a neve congelada (...) [e] a muitos enganou (...) [fingindo] que, mediante uma invocação poderosa, podia santificar o pão e celebrar a Eucaristia (...) e também batizar muitas pessoas, servindo-se das palavras costumeiras e legítimas do rito.<sup>8</sup>

Este comportamento que em um homem poderia ser visto como sinal de santidade, em uma mulher se tornava motivo de profunda preocupação. Interessante é que por meio da crítica de Cipriano podemos perceber mulheres ocupando papéis muito diversos daqueles que, por exemplo, Gatier vai apontar como sendo os únicos possíveis.<sup>9</sup> Como nesse momento (século III) não se delinearam ainda os limites entre a heresia e a ortodoxia, (RICHARDS, 1993, p. 53-81) é possível perceber uma prática religiosa feminina muito diversificada e sem grande diferenciação em relação à masculina. A historiadora Elisabeth Fiorenza destaca com as primeiras tentativas de institucionalizar o Cristianismo a exclusão das mulheres dos cargos de autoridade, mediante medidas repressivas ou o discurso inflamado dos padres da igreja, construindo uma noção de masculinidade como sinônimo de perfeição, as mulheres vão criando alternativas e estratégias que lhes possibilitem continuar participando ativamente das Igrejas Cristãs. (FIORENZA, 1976, p. 15-17)

De fato, nem as epístolas pseudopaulinas,<sup>10</sup> nem os Padres da Igreja vão poder calar ou restringir a espiritualidade “desordenada” das mulheres. Isso tanto é correto que ainda no século XIII o papado vai emitir decretais proibindo as mulheres de ministrarem os sacramentos, pregarem ou exercerem o sacerdócio.<sup>11</sup> Além disso, se irá promover forte perseguição aos grupos religiosos femininos que não se adequassem aquilo que a ortodoxia, representada pelo discurso da Igreja Romana, esperava delas. O caso mais conhecido de perseguição nesse sentido, foi o das beguinhas,<sup>12</sup> mas poderíamos arrolar também aqui a construção da imagem da bruxa. (RICHARDS, 1993, p. 83-84)

Como havia dito anteriormente, coube aos Padres da Igreja lançar as bases da idéia de sexualidade marcar o Cristianismo. Tão forte será essa noção que muito da disciplina cristã, marcada por jejuns, flagelações, longas vigílias e orações, terá como único objetivo dominar uma sexualidade voraz. Comer em excesso, consumir determinados alimentos, tudo contribuía para que o cristão de deixasse contaminar por maus pensamentos e sucumbisse. Tais idéias são desenvolvidas à exaustão e são marcantes no discurso medieval:

Da gula provém a alegria inoportuna, a obscenidade, a frivolidade, a vaidade, as imundícies do corpo, a instabilidade mental, o desejo sexual (...) Da luxúria, a cegueira do espírito, a leviandade, a incoerência.<sup>13</sup>

Se a temática da sexualidade se faz cada vez mais presente, cresce, também, a preocupação com as sociabilidades entre homens e mulheres presentes nos primórdios da Igreja Cristã. Dentro dessa linha, Tertuliano defenderá o uso do véu por parte das mulheres na Igreja, pois lá elas estariam em contato – quase promíscuo – com os homens.

Ali ela é toda acariciada pelos olhares errantes de completos estranhos, apalpada pelos dedos daqueles que a apontam e, favorita de todos nós, anima-se com isso entre abraços e beijos zelosos.<sup>14</sup>

Não há uma unanimidade em culpabilizar as mulheres pela luxúria mas, como seres tutelados, elas são vistas como vítimas em potencial a serem protegidas. Ao mesmo tempo, vários Padres da Igreja vão defender a virgindade, tanto para homens quanto para mulheres. Como em muitos casos, as mulheres deveriam ser maioria nas comunidades cristãs, elas atendem em massa ao chamado, estimuladas tanto por pregações quanto por literaturas que circulavam na época. Um bom exemplo é o Proto-Evangelho de Tiago, texto apócrifo, que falava da infância da Virgem Maria:

Ela era pura de corpo e alma, nunca pôs o rosto fora da porta do Templo, nunca olhou para um homem estranho, e nunca se entusiasmou ao olhar para um rosto de um rapaz. Seus trajes eram delicados. (...) o véu lhe caía sobre os olhos (...) Ela nunca ansiava por grandes quantidades de alimento, nem tão pouco circulava pelo mercado da cidade.<sup>15</sup>

O texto mostra exemplarmente a forma de controle imposta ao corpo das mulheres. Para ser respeitada e valorizada, ela deve se enclausurar, e efetivamente muitas virgens consagradas no final da Antigüidade viviam reclusas em suas próprias casas; (BROWN, 1990, p. 218-237) vestir-se de maneira modesta, sendo que o véu já

começa a aparecer como símbolo de recato; e jejuar. Interessante é como essa ênfase na ascese manifesta no jejum irá produzir, principalmente na Baixa Idade Média, uma série de santas anoréxicas. O não comer proporcionaria alcançar um ideal de espiritualidade perfeita, da mesma forma que as anoréxicas contemporâneas buscam o corpo idealizado inalcançável. (BORDO, 1993, p. 93) Em ambos os casos, os altos padrões a serem alcançados são estabelecidos pelo discurso masculino e funcionam como uma forma eficaz de controle dos corpos femininos.

Este discurso, na época Patrística, produziu legiões de virgens, viúvas e mesmo mulheres casadas que desejavam viver em castidade e penitência. Essas mulheres consagradas, passam a serem vistas como símbolo de *status* pelas famílias:

Em todos os lares cristãos é necessário que haja uma virgem, pois a salvação da casa inteira está nessa virgem. E quando a ira recair sobre a cidade, não recairá sobre a casa onde houver uma virgem. Eis porque todos os moradores das casas ilustres desejam que esse nome imaculado possa permanecer com ele em seus lares.<sup>16</sup>

Tal situação gera vários problemas: um deles, apontado por Basílio de Cesaréia, seriam os familiares que impedidos pela doutrina cristã de descartar suas filhas e decididos a não dividir heranças ou pagar dotes, consagravam meninas ainda muito pequenas, sem que estas pudessem escolher.<sup>17</sup> Mas o problema maior, sem dúvida aquele que mais incomodava os Padres da Igreja, era a crescente independência das mulheres que optavam pelo celibato e o poder que estas passavam a exercer dentro das Igrejas. Com acesso ao diaconato e em alguns lugares certamente pleiteando o sacerdócio, crescem os discursos que culpabilizam a mulher (Eva) pelos pecados da humanidade e enfatizam o fato das mulheres serem instrumentos preferenciais do diabo.

O diabo, miserável, dispunha-se a transformar-se, de noite, em mulher e a imitá-la em todas as maneiras para seduzir Antônio. Mas este, pensando em Cristo e tendo presentes, graças a ele a nobreza e o caráter racional da alma, extinguiu as brasas da paixão e da sedução.<sup>18</sup>

Aqueles que se tornam ascetas são heroicizados. Mas nas vidas dos grandes “padres do deserto” começa a ser estabelecida a aproximação entre o corpo feminino e o demônio. Este discurso é de tal forma repetido e resgatado com novas roupagens que a ginofobia está até hoje presente no pensamento Ocidental, assim como a difusão da idéia de que o corpo feminino seria um corpo naturalmente doente e mais fraco. (GATENS, 1992, p. 228.) Idéia construída, mas hoje plenamente naturalizada, como um papel de gênero que nunca poderá ser plenamente despido.

Como a sexualidade construída nos textos Patrísticos apresenta-se cada vez mais incontrolável, seu cerceamento acaba se tornando eixo central da vida do cristão. Assim, os homens deveriam se manter afastados das mulheres, como ressalta um pregador do século XIII:

É melhor aproximar-se de um fogo ardente do que de uma mulher jovem. Por causa da mulher, muitos homens estão mortos. Porque com o hábito vem a teimosia, do mesmo modo da mulher deriva a infelicidade do homem.<sup>19</sup>

Ao mesmo tempo, ainda nos séculos de afirmação do Cristianismo no mundo mediterrâneo, começa a se estabelecer uma distorção perversa que atinge em cheio às mulheres: o discurso de legitimação da prostituição como um mal necessário. O próprio Agostinho, autoridade incontestável na História da Igreja, irá produzir a máxima que definirá o lugar da prostituição na Cristandade: Retirai as prostitutas ao gênero humano e tudo será subvertido pela paixão da luxúria.<sup>20</sup> Este tipo de discurso será retomado no século XIII,<sup>21</sup> por pregadores e legisladores, ajudando a criar as condições necessárias para a regulamentação da prostituição e a tentativa de segregação das prostitutas a determinados espaços dentro da cidade.

Importante ressaltar que este discurso de justificação da clausura, que não é nada mais nada menos do que a limitação dos movimentos das mulheres, será também imposto às freiras com a imposição de regras de vida cada vez mais estritas.<sup>22</sup> Ao mesmo tempo, os mesmos pregadores, em geral mendicantes, irão tentar restringir as mulheres leigas ao espaço privado, (CASAGRANDE, 1990, p. 99-141) sempre se pautando em discursos consagrados da Bíblia e da Patrística. A forma da argumentação poderia variar mas sempre iria tocar na questão da debilidade física e moral das mulheres, como no texto a seguir:

O sexo feminino, sobre cuja proteção escrevemos aqui, possui quatro grandes inimigos: dois deles encontram-se nele mesmo, a saber, a concupiscência da carne e a curiosidade própria das mulheres; dois deles vêm de fora, o desenfreado prazer dos homens e a insaciável cobiça do demônio para fazer mal. Acrescente-se que, diferentemente do homem, a mulher pode perder sua virgindade pela violência.<sup>23</sup>

O discurso dos Padres da Igreja vai então separar as mulheres entre as que se entregam ao pecado e àquelas, que sob a tutela dos conselhos e da autoridade masculina, conseguem reprimi-lo. Tendo suas vidas definidas a partir do olhar masculino e das suas necessidades, as mulheres são construídas como sujeitos relacionais, enquanto os

homens têm o seu significado garantido pela estrutura androcêntrica da cultura Ocidental, representando o parâmetro de ser humano. De qualquer forma, sempre estarão correndo o risco de caírem devido à sua natureza defeituosa, dentro da idéia Aristotélica do homem gorado. (BROWN, 1990, p. 19-20)

Não defendo uma permanência de discursos mas sim que estes podem ser retomados, relidos, comentados, ressemantizados em outras sociedades e condições históricas variadas, principalmente quando são revestidos de alguma forma de autoridade (FOUCAULT, 1996, 21-36). No caso dos Padres da Igreja, eles continuam sendo utilizados até os dias de hoje pelas diversas Igrejas Cristãs. Sendo que o caráter misógino de seus textos não é descartado quando se trata de cercear os direitos das mulheres em relação aos seus próprios corpos, para garantir a manutenção da sua desigualdade política dentro das Instituições religiosas, ou para reforçar representações sociais que associam o feminino ao mal, à doença e ao desvio.

## NOTAS

---

\* Valéria... é doutoranda no programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, na área de concentração em Estudos Feministas e de Gênero.

<sup>1</sup> Epíteto, Enchiridion 40. (Todos os textos Patrísticos e outras fontes contidos neste trabalho são citados a partir de fragmentos contidos em obras presentes na bibliografia)

<sup>2</sup> Como representações sociais compreendemos os filtros que nos permitem interagir socialmente, idéias mestras que norteiam nossas atitudes, reações, ações, etc. Esses filtros, na verdade, são idéias que não se distribuem homoganeamente no todo social, nem tampouco são únicas ou hegemônicas. Dentro de uma mesma sociedade podem coexistir várias representações sociais de beleza, mulher, masculinidade, vida religiosa; porém somente algumas parecem mais evidentes, mais densas, tem maior visibilidade por se coadunarem com o regime de verdade vigente. (JODELET, 2001, p. 17-44.)

<sup>3</sup> *“Thus, it is objectification that constitutes woman as sexual, instating sexuality at the core of the material reality of women’s lives, rather than the other way around, as notion of biological determinism would have it in claiming that sexual difference defines woman and causes her objectification, or as the process appears (reversed) in the “culturalist” ideology of gender.”* (Lauretis, 1990, p.119)

<sup>4</sup> Compreendo gênero como uma categoria relacional, que não necessariamente se resume ao binário masculino feminino mas pode se manifestar em um espectro muito amplo de vivências. Entretanto, ao utilizarmos papéis de gênero em nosso artigo, estamos centrando a reflexão no binômio masculino/feminino, por isso mesmo, convém lembrar que mesmo que relacional, a nossa cultura, assim como aquela que norteava o discurso da Patrística, é hierarquizante valorando o masculino como superior e mais importante que o feminino.

<sup>5</sup> Mary Jane Spink compreende a desconstrução como “o trabalho necessário de reflexão que possibilita uma desfamiliarização de construções conceituais que se transformam em crenças e,

enquanto tais, colocam-se como grandes obstáculos para que outras possam ser construídas”. (SPINK, 2000, p. 27)

<sup>6</sup> O olhar da historiografia ocidental sobre os passados possíveis sempre foi norteado pela noção de sujeito universal, coerente e neutro. Essa neutralidade entretanto é falsa, pois se encontra impregnada pelo ideário iluminista, sendo acima de tudo o olhar androcêntrico, branco, burguês e de cultura européia.

<sup>7</sup> A idéia de que “*o que a história não diz não existiu*” permeia o raciocínio de historiadores como Gatier. A impossibilidade de deixar que as fontes falem é absoluta, pois por princípio as conclusões já estão dadas. O tipo de história feita por esse autor é o mesmo que descarta a existência das amazonas como fruto do folclore ou do fetiche dos gregos, e considera todos os outros eventos descritos na mesma fonte como passíveis de confiança. (NAVARRO-SWAIN, 2000)

<sup>8</sup> Cipriano, carta 75.10.

<sup>9</sup> Para o autor, a única opção de vida religiosa cristã feminina, desde a mais remota Antigüidade, era a monástica, ou, no máximo uma reclusão doméstica, sendo a clausura algo já presente. O autor considera essa prática uma variante do ascetismo urbano antigo. (GATIER, 1994, p. 172)

<sup>10</sup> São consideradas pseudo-paulinas algumas das epístolas do Novo Testamento. Dentre os textos considerados como acréscimos posteriores, ou compilações de ensinamentos atribuídos ao apóstolo Paulo, consta um dos textos basilares em relação à proibição do sacerdócio feminino: “*Como acontece em todas as igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembléias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas como diz a Lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que uma mulher fale nas assembléias.*” I Coríntios 14:33-35.

<sup>11</sup> As proibições estão presentes nas Decretais de Gregório IX, publicadas em 1234. Estas decretais vem complementar proibições contidas no *Decretum Gratiani* do século anterior e representam até hoje a base do direito canônico. (RAMING, 1976, p. 54-55)

<sup>12</sup> As beguinias eram mulheres leigas que organizaram comunidades religiosas principalmente no Norte da Europa. Impelidas a viver uma vida espiritual de acordo com os moldes da *vita vera apostolica*, muitas mulheres não conseguiam entrar para ordens religiosas já estabelecidas na época (Cister, Cluny, Fontevault, etc.) pelas mais diversas razões (econômica, social e mesmo de acomodação), outras desejavam viver a sua espiritualidade em moldes diferentes daqueles regulados pela Santa Sé, assim começaram a se formar as comunidades de beguinias. Nessas comunidades as mulheres desenvolviam laços de fraternidade, dedicavam-se à caridade, aos trabalhos manuais e, em alguns casos, a educação. Havia comunidades de beguinos, mas esses tiveram muito menor atenção do que as mulheres que, no início louvadas pela sua piedade, terminaram sendo acusadas e perseguidas por heresia. (PETROFF, 1986, p. 171-178)

<sup>13</sup> Teodoro da Cantuária, *Poenitentiale*, c. 941.

<sup>14</sup> Tertuliano, de *Virginibus Zelandi*.

<sup>15</sup> Fragmento do Protoevangelho de Tiago. Este texto considerado apócrifo é uma das fontes sobre a infância de Maria. Tendo sido produzido no século II, tornou-se muito popular no século IV. Este tipo de texto alimentava muito a imaginação tanto dos clérigos quanto dos leigos na Idade Média.

<sup>16</sup> Cânone de Atanásio 98.

<sup>17</sup> “Os pais, irmãos e outros parentes entregam muitas meninas antes da idade adequada, não porque tenham um anseio íntimo de continência, mas para que seus parentes possam extrair disso alguma vantagem material.” Basílio de Cesaréia, Carta 119.18.

- 18 Atanásio, Vida de Santo Antônio.
- 19 Jacques de Vitry, Sermones in Epistolas et Evangelia Dominicalia.
- 20 Agostinho de Hipona, De Ordine.
- 21 *Para evitar uma luxúria pior, é necessário que a Igreja tolere as prostitutas e seus clientes. Assim como Moisés, mal se apercebe que seu povo era levado a matar as mulheres [infiéis], permite o repúdio (...), do mesmo modo a Igreja permite, isto é tolera, a existência de prostitutas e dos seus clientes para que não se difunda a paixão sexual mais grave.* Thomas Chobhan, Suma Confessorum.
- 22 Esse foi o caso das franciscanas, que tiveram que aceitar formas de vida que destoavam completamente dos princípios defendidos pelo grupo franciscano até então, porque sendo mulheres religiosas deveriam viver em clausura.
- 23 Idung Von Prüfening, século XII.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BORDO, Susan. "The Body and the Reproduction of Femininity" in CONBOY, Katie, MEDINA, Nadia, STANBURY, Sarah (ed.) **Writing on the Body – Female Embodiment and Feminist Theory**. Nova York: Columbia University, 1993, p. 90-110)
- BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade – O Homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASAGRANDE, Carla. A mulher sob Custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle, org. História das Mulheres A Idade Média. Porto: Afrontamento, 1990, vol 2, p. 99-141.
- DALARUN, Jacques. Olhares dos Clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle, org. História das Mulheres A Idade Média. Porto: Afrontamento, 1990, vol 2, p. 29-63.
- FIORENZA, Elisabeth. O Papel da Mulher no Movimento Cristão Primitivo. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, 1976, 111, p. 6-17.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GATENS, Moira. Power, Bodies and Difference. In BARRET, M., PHILLIPS, A. (eds.) **Destabilishing Theory**. Cambridge: polity Press, 1992, p. 227-234.
- GATIER, Pierre-Louis. Mulheres no deserto? In: BERLIOZ, Jacques. **Monges e Religiosos na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1994, p. 169-183.
- JODELET, Denise. Representações Sociais: Um Domínio em Expansão. In \_\_\_\_ (org.) **Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 17-44.
- LAURETIS, Teresa. Eccentric Subjects: Feminist Theory and Historical Consciousness. **Feminist Studies**, Feminist Studies, 1990, 16, p. 115-150.
- NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é Lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PILOSU, Mario. **A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média**, Lisboa: Estampa, 1995.
- RAMING, Ida. A Posição de Inferioridade da Mulher Segundo o Direito Canônico Vigente. **Concilium**, Petrópolis: Vozes, 1976, 111, p. 50-57.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação – As minorias na Idade Média.** Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SPINK, Mary Jane. **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano – Aproximações Teóricas e Metodológicas.** 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2000.